

Homenagem a Patricio Aylwin

Fernando Henrique Cardoso

Faleceu ontem, em Santiago, um dos melhores líderes democráticos da América Latina: Patricio Aylwin, presidente do Chile entre 1990 e 1994.

Depois de longos anos de ditadura e de uma memorável campanha contra Pinochet e seu regime, o povo chileno foi às urnas em dezembro de 1989 e o elegeu presidente, apesar da ainda forte presença da direita pinochetista

Assisti a sua posse, então como senador por São Paulo. Nos anos seguintes, mais de uma vez, o visitei, como presidente e mais tarde como ex-presidente do Brasil. Ao deixar o Palácio de La Moneda, Aylwin voltou a viver na mesma casa simples e agradável que ocupara por longos anos na região central de Santiago.

Guardo dele as melhores memórias. Ainda em seu primeiro ano de mandato, Aylwin determinou a realização do funeral póstumo de Salvador Allende. A convite do seu governo e da família do ex-presidente morto no golpe militar de 1973, participei da cerimônia. Com a distinção que sempre recebi dos chilenos, por ter vivido no Chile e feito ali amigos para toda a vida, fui postado ao lado dos dignitários do país e não entre os convidados estrangeiros presentes no cemitério. Acompanhei a viúva Tencha Allende e sua filha Isabel à tumba de Salvador. Nos discursos em homenagem ao ex-presidente, quando Aylwin começou a falar, ouviu-se um burburinho vindo da multidão. Com sua voz potente, mas calma, ele se dirigiu para o lado de onde provinham os quase protestos e reafirmou suas convicções democráticas. Explicou sua posição no período final do governo Allende, fez o devido elogio ao grande homem morto no golpe de Pinochet, e ganhou, mais do que a atenção, a admiração de todos ali presente, chilenos e estrangeiros, democratas-cristãos ou socialistas, pessoas sem partido, gente ilustre ou anônima, mas com discernimento: findava uma época de terror e com Aylwin começava outra, de Justiça e democracia.

Sempre contrário à tortura e à truculência repressiva, Patricio Aylwin, foi quem, como Presidente, pediu desculpas ao povo chileno pelas violências praticadas pelo Estado. Foi ele também quem abriu espaço para que a Concertación unisse antigos adversários, mas não inimigos, os socialistas e os democratas-cristãos, no agrupamento político que pôs fim à ditadura, consolidou a democracia e fez o Chile avançar como nenhum outro país da América Latina nos últimos vinte e cinco anos.

Seu nome está inscrito ao lado dos grandes da América Latina. Deixa saudades, mas, sobretudo um exemplo a ser imitado.